

# DESPERTAR!

Francisco Guimarães

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO

Pela Verdade, pela Justiça, pela Liberdade

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Campo de D. Carlos I, n.º 26 — BARCELLOS

Composto e impresso na *Typographia Minerva*  
Rua de Santo Antonio, *Famalicão*

N.º 3 — Maio de 1909 — 1.º Anno

## O perigo nacional O UNICO RECURSO

As ordens religiosas, e em especial o jesuitismo, estão sendo o perigo nacional. É preciso arrancar a creança da garra jesuitica e lança-la em plena luz, em plena verdade!

DR. MIGUEL BOMBARDA.

Na situação verdadeiramente extraordinária em que se encontra o paiz, quando tudo nos leva

a crêr que nem o rei, nem o governo, nem as camaras legislativas virão um dia attender os nossos vigorosos protestos contra os padres de Loyola, a quem poderá recorrer o povo para salvar-se a si proprio? Nada mais claro. N'esta extraordinária situação, o povo, para salvar-se, tem de recorrer *ao povo!*

ALEXANDRE BRAGA «pae.»

### ABRIL

Tres acontecimentos de alta importancia social e politica assignalaram, com medidas altamente proveitosas para o levantamento intellectual e moral da raça portugueza e reconhecidamente uteis para o futuro da patria, o passado mez de Abril.

Referimo-nos, como os leitores devem calcular, aos tres grandes congressos, — *pedagogico, municipalista e republicano*—os dois primeiros realizados na capital e o terceiro na importante cidade de Setubal.

Foram, sem duvida, esses factos tres manifestações vivas e ardentes do despertar d'uma nacionalidade que, farta de innumerables bambuchas e victima de mil extorsões, procura acordar para a *Verdade*, viver para a *Justiça* e lutar pela *Liberdade*.

\* \* \*

O congresso *pedagogico*—a segunda reunião d'este genero—foi convocado e organizado pela «*Liga Nacional de Instrução*», que á patria tem prestado relevantes serviços na árdua tarefa de instruir os analfabetos e educar os cerebros portuguezes pouco ou nada illuminados pela resplandecente luz do civismo.

Grande e nobre é a missão de tam prestante e benemerita collectividade; proveitosos e utilísimos foram os ensinamentos que o congresso pedagogico derramou e difundiu em prol de tam santa cruzada e para beneficio de todos os cidadãos, sinceramente empenhados no rejuvenescimento nacional pela instrução popular e pela educação cívica.

Com effeito dos maiores elogios e de todos os encomios sam dignos os cidadãos que, á frente de tam util collectividade e realisando um tão brilhante congresso, tem envidado e envidam todos os esforços para a extincção do analfabetismo—o maior inimigo do progresso—e para a educação popular—o maior factor da civilização.

Esses verdadeiros apóstolos da verdade e sinceros paladinos do dever por todos os modos, por todas as formas, procuram incutir

no animo dos portuguezes o sublime conceito de Flammarión: «*verdadeira força de um povo está no seu valor intellectual e moral.*»

Com a constituição de varios nucleos constantemente augmenta a «*Liga Nacional de Instrução*» a esphera enorme da sua actividade e em Barcellos—com prazer o affirmamos—melhor do que em parte alguma tem ella uma activa e diligente representante que da forma mais lisongeira tem contribuido para o desempenho da augusta e redemptora missão de instruir e educar.

É a «*Liga Barcellense de Instrução e Educação*», fundada ha pouco mais d'um anno, por iniciativa do grande barcellense e ilustrado cidadão Fernando Cardoso d'Albuquerque, muito já tem feito em favor da instrução e d'isto sam testemunho evidente as duas aulas por ella creadas e sustentadas, uma para adultos—nocturna,—outra para creanças do sexo masculino—diurna—; a brilhante festa da arvore de inolvidavel recordação e alem d'isso as iruditas palestras do seu talentoso secretario dr Belleza dos Santos e muitos outros factos pelos quaes procura insinuar, no animo detodos, as boas e sãs doutrinas.

Obras de tam alto alcance social merecem, sem duvida, a adhesão plena de todos os sinceros patriotas e a corporação desinteressada de todos os portuguezes!

E vos, oh! cidadãos, que constituís a obscura e, ditos em offensa, a ignorante classe popular, deveis tambem cooperar com o nosso modesto auxilio na gloriosa tarefa que não tem senão por fim impô-ros ao mundo civilizado como uma verdadeira e imprescindivel força.

É porisso que o *Despertar*, fiel ao seu programma, mais uma vez e de novo brada: cidadãos, sequiosos de luz, filiae-vos na *Liga Barcellense de Instrução e Educação* que ahí—em aulas nocturnas e diurnas, em conferencias e preleções, logica e claramente—recebereis a educação de que tanto necessitais e a instrução de grandes e incolúvaveis beneficios!

O congresso *municipalista*, organizado por iniciativa da Camara Municipal de Lisboa revestiu extraordinária imponencia que surpre-

hendeu a expectativa de toda a gente e assombrou os maiores optimistas.

Foi uma bella manifestação de dignidade politica; um optimo testemunho de solidariedade patriótica; um protesto vivo e sincero contra a excessiva centralisação do Estado que obsta ao progressivo desenvolvimento da vida local e fere os mais rudimentares principios de justiça; em summa uma calorosa apologia da *autonomia municipal* que, na opinião de todos, é o indispensavel elemento d'uma boa organisação social.

Ao generoso appello e ao convite amavel do municipio da capital; a esse patriótico e independente congresso, a que concorreram 167 camaras, não podemos registar com elogiosas referencias a adhesão e comparecia do *Municipio Barcellense*, facto que sinceramente lamentamos, como bons patriotas, e com pesar censuramos, como manifestação do mais evidente desprezo pelas regalias populares.

O congresso *republicano*—de convocação annual—foi, como o relataram todos os jornaes, extraordinariamente concorrido, assumindo o character d'uma brilhante festa cívica pela quasi uniformidade de opiniões e, mais ainda, pela identidade de creanças na defeza da patria, no seu rejuvenescimento e esplendor.

N'essa grande assembleia partidaria foi eleito o novo directorio do partido, do qual seja-nos licito destacar os nomes de duas grandes individualidades, vultos de excepcional grandeza: Theophilo Braga e Basilio Telles.

Aos tres grandes congressos a affirmação do nosso applauso e, em especial, á «*Liga Barcellense de Instrução e Educação*» a nossa solidariedade:

### Nota da redacção

Todos os jornaes enviados por esta redacção levam na cinta o nosso carimbo.

Isto por que algumas

peçoas o tem recebido sem ser por nós enviado.

### Os operarios

É o dia 1.º de maio consagrado de festa pelo proletariado de todo o mundo.

É n'esse dia que o proletariado do mundo inteiro, que sofre as amarguras dos *srs. tyranos*, reclama justiça para a sua escravizada classe.

É n'esse dia que ficam despovoadas as fabricas, pois os operarios solemnizam a sua festa; a festa do trabalho.

É n'esse dia que o operariado reivindica os seus direitos.

É n'esse dia que a classe proletaria com grandes reuniões, desde que foi resolvido no grande congresso de Paris, reclama o dia normal de 8 horas de trabalho.

É n'esse dia que essa classe procura destruir tudo quanto é nocivo e prejudicial.

É n'esse dia, finalmente, que em brados generosos e sympathicos, agita a sua bandeira, desfaldando-a ao grito de despertar *um por todos e todos por um*.

O dia legal de 8 horas de trabalho é uma medida que se impõe ao governo como uma das mais justas.

Esta questão deve ser apresentada o quanto antes no parlamento.

O *Despertar!* envia um amplexo de fraternidade e paz, embora tarde, a essa classe de opprimidos e explorados, mas que ha-de ser grande e emancipada.

*Lethes.*

Excerptos de um Sermão

III

Meus amigos:

Raro se encontra um padre que do pulpito faça uma escola proferrindo d'alli discursos instructivos que vos mostrem o erro, que vos conduzam pelo caminho da honradez e vos dissipem as trevas da ignorancia.

Raro?! Rarissimo até! E porque? Uns pela sua tambem profunda ignorancia e por que teem o espirito obcecado por doutrinas inverosimeis e phantasticas que lhes transtornam o cerebro e lhes encurtecem a razão.

Outros pela sua indifferença e desleixo, para quem o povo não merece o incommodo nem o sacrificio de alterar a sua pacata vida de engorda e fingimentos que lhe garante o seu bem estar.

Uma ou outra vez, para que chegue aos ouvidos do bispo ou arcebispo e porque lhes rende quantia geitosa, acompanhada, quasi sempre, de um bom jantar, elles ahi vão para o pulpito de uma igreja de aldeia, n'uma festa a S. Sebastião ou ao Coração de Jesus, entulhar-vos os ouvidos com nomes de santos milagrosos, com o céo, o inferno, o purgatorio, e tantas coisas tetricas que vos aterrorisam, que nada vos illustram, que nada vos revelam e vos deixam em mil supostas cogitações na senda rabalhosa e fatigante da vossa pesada vida!

E quem, meus irmãos, quem mais que o padre poderia concorrer para a vossa illustração e emancipação?

Que vida de fadiga e responsabilidade é a d'elle para que não possa ensinar-vos a lér e aos vossos filhos, em aulas nocturnas e diurnas, acompanhadas de uma ou outra palestra em que se vos fizesse comprehender, tudo o que para vós é um mysterio?

Que tem o padre que fazer para que não possa instruir ensinando a ler aos analphabetos da sua freguezia?

Porque não é isto obrigatorio? Eu sei! E' que a vossa ignorancia conven-lhes por que lhes assegura a sua preponderancia e o poder facilmente vergar-vos, como animaes inconscientes, á sua vontade e caprichos.

E' que a vossa ignorancia conven-lhes por que lhes permite uma vida desafogada e um consolador descanso, que julgam bem pagos com quatro roncós em latim.

Do pulpito poderiam elles ensinar-vos coisas muito mais vantajosas e de maior alcance para vós, do que as lendas de santos e santas e as enfadonhas phrases em latim que não percebeis de que sempre se servem para vos deixar embasbacados.

Trabalhaes mais do que podeis, n'uma insana e extenuante lucta, para que o fructo do vosso suor seja absorvido pelo Estado e pelo padre, enquanto a miseria vos acompanha!

Trabalhaes mais do que podeis, para que o estado mais vos subjugue com impostos e para que o padre com mais garantias ainda, possa dormir descansadamente a sua sesta depois de um succulento jantar.

Trabalhaes mais do que podeis para serdes roubados, não terdes pão nem galinho nem instrucção!

Que horror! que calamidade! Desgraçado lavrador! Desgraçado povo!

Que has-de tu fazer se tudo são trevas a cercarte?

Acaso te ensinam a verdade? Não.

Vives n'um abysmo! Não tens luz!

Não tens horisontes sequer, em que de longe possas divisar a tua liberdade!

Aquelles que deviam ser os primeiros a guiar-vos pelo caminho recto da verdade, são os primeiros a espoliar-vos e a promover a vossa estupidez em seu proveito!

Meus irmãos: Reagi, combatei sem treguas pela vossa instrucção, afastai de vós a seita negra que vos embrutece e chegareis a melhores dias; a ter pão a ter agasalho a serdes livres.

Frei Ignacio.

Carapuças

II

O Espirito Santo

Eu adoro os symbolos. Ao contempla-los, quando são lindos, sinto que qualquer coisa se me quer deprender da materia vil.

Será isto a alma, essa coisa tão fallada que dizem existiu em nós e que ha-de evoluar-se para as regiões ethereas?...

Quão triste és ó fraqueza humana!

Como eu tambem legaria milho para as brancas pombas do luminoso padre, se visse á hora da morte fugirem-lhe espiritos santos debaixo da batina...

NOTA

Ha quem d'este meio se tenha valido para em testamento lhe ser legada uma quinta!...

Zef.

Ter vista e não querer ver

Com seus crimes hediondos, suas façanhas malditas, seus sorrisos cinicos, hypocritas e olhar chamejante de insaciavel crueldade, vive ainda, embora no ambiente da mentira, do fanatismo, da maldade e da ambição, o ser parasitario tão damnificavel e prejudicial á humanidade, que se chama jesuita.

São tantos e tão assombrosos os actos nefandos praticados pela seita má e demoralisadora que pisa a crosta terrestre, que ás vezes chego a não os acreditar ou então a julgar-os inqualificaveis.

Mas apesar de todos esses crimes e de todas essas malignas acções que nos invadem de terror e péjo, não tem sido infructifero o trabalho incansavel dos membros agoirentos do gabinete negro, pois que ainda teem o povo desprotegido de saber, a escutar-lhes attentamente, toda a

casta de infamias e baboseiras que citam.

E nós,—aquelles que pensamos,—que estudamos e que conhecemos o mal que essas viboras estão espalhando, devemos por forma alguma consentir que o povo humilde nosso irmão, continue navegando ao acaso no amplo mar das trevas e da ignorancia que elles lhe estão abrindo e sem dôr nem piedade os deixemos caminhar para a desgraça, para a desordem e para a morte!

Não. Mil vezes não.

Devemos educal-o.

Devemos instruil-o.

Devemos dizer-lhe até onde tem chegado a ambição sem limites desses facinoras, e por ultimo devemos exhortal-o a que sejam unanimes a de novo ser posto em vigor o decreto de 3 de setembro de 1759, em que ha por expulsão de Portugal e seus dominios, a corja infamante que através dos seculos tem sido a causa dora do desperdicio de muitos póvos.

Só quem não vê é que assim não pensa. Mas para esses ha bom lugar em Rilhafolles.

Frei Sincero Mentiras.

Ridiculos

(A missa)

O sino badala. Damas passam, envergando *toilettes* excentricas, verdadeiros catalogos ambulantes de novidades.

A' porta da casa do Senhor, pintalegretes, tresandando a pobresa de espirito, curvam-se automaticamente á passagem do sexo fragil.

O templo trasborda de povo.

As *filalças* atravessam a egreja, deixando um perfume capitoso, que estonteia as almas simples, rusticas, acostumadas a ausencia da maçã camoesa.

Trocam se cumprimentos.

Os *lorgnouns* scintillam na penumbra; labios carminados teem ditos ironicos.

A *má lingua* ferve. Discutem-se aventuras amorosas, o ultimo figurino, o deselegante vestido da visinha, etc.

Junto ao altar-mór surgem os *pôdres do chic*. Começa o tireteio de olhares significativos, onde ha revoadas de esperanças... para os apaixonados.

O padre *clorwon* barato, mechanicamente mastiga o latiorio.

Pendente da cruz o Nazareno, bailando-lhe nos labios um sorriso de eterna indifferença ante o papel que a sociedade, a gente de *bom tom*, desempenha na comedia da missa.

Maria Prado.

Touradas

O barbaro e inutil espectáculo das touradas, teve em Barcellos, ultimamente, alguma coisa de util e humanitario, por dar ensejo a que os nossos benemeritos bombeiros fizessem um peditorio a favor dos sobreviventes do Ribatejo, peditorio que não foi improficuo, pois quasi toda a gente, contribuiu, como era de esperar, com o seu obolo para minorar o desgraçado estado das victimas da terrivel catastrophe. Foi isso o que de bom nos deu o espectáculo das touradas que, como sempre, fôram a lucta desleal e manhosa do homem armado, cheio de subtilesas, contra o animal incitado que nada mais faz do que defender-se das provocadoras arremetidas do homem feito fera.

O publico, esse vae alli, não porque se divirta ou goste de ver, mas para dizer, que vae a touradas, querendo com isso mostrar que tem o espirito forte e que nada lhe custa ver de um momento para outro, um homem morto ou com as costellas bem amassadas.

O *feminismo*, especialmente, não vae alli por prazer, mas para dar essa nota de intrepidez e coragem, que sempre lhe falta quando se dá um caso fatal, desmaiando ou soltando gritos de afflicção, e para mostrar as novas *toilettes* de verão que sempre sobre-sahem no alto do amphitheatro das bancadas, dando á praça o aspecto garrido, variegado, multicolor, que tanto a enthusiasma e enfeita.

Um touro vimos, que, aberta a porta do *curro*, appareceu deitado olhando philosophicamente para tudo aquillo. Levantou-se vagaroso, veio á arena fitando toureiros e espectadores com olhar profundo, revelando compaixão, parecendo dizer: *perdoae-lhes, Senhor, que não sabem o que fazem*. Sempre fleumatico, não deu sorte e muito a custo lhe metteram um ferro que recebeu resignadamente e... recolheu pensativo! Era um philosopho, um pensador! Compreendeu perfeitamente a selvageria sanguinaria que o esperava!

Outro, um genio alegre e divertido, por partida, sahiu recuando e evitou o mais que poude a insanias de o martyriar.

Ainda outro farto de apupos e aborrecido de ver tanto trejeito e salto deante d'elle, mal viu a porta aberta *raspou-se* arteiro, sem esperar chocas, evitando incommodos, parecendo e com a razão querer proferir a tal palavra de Cambrone.

Estes tres touros quizeram dar uma lição ao homem! Oxalá elle a aproveitasse.

Foi para podermos dizer isto e condemnar mais uma vez este deshumano divertimento que fomos á tourada.

Aos sympathicos bombeiros o nosso applauso pela feliz ideia

## Cartas ao povo

III

Maio de 1909

*A melhor fôrma de governo — diz Trindade Coelho no seu Manual Politico — é: 1.º a que efficazmente garantir, no exterior, a soberania nacional; 2.º a que melhor corresponder ás aspirações geraes da nação; 3.º a que assegurar aos cidadãos e a quaesquer grupos o respeito do direito, isto é, da justiça nas relações dos homens uns com os outros.*

Satisfará a estas condições—requisitos essenciaes d'um bom systema politico—a monarchia portugueza?

Ou serão a caracteristica da fôrma republicana, do regimen democratico?

Para a republica me inclino por os factos de sobejo me terem convencido de que só este systema politico pode satisfazer os requisitos indispensaveis a uma boa fôrma de governo.

Vejam os. Garantirá a monarchia portugueza a soberania nacional—o direito que uma nação possui de dispôr livremente dos seus destinos?

Na! epparentemente parece reconhecer tal soberania, porém, na realidade, esse poder não existe não se exerce.

Com effeito por tres órgãos de governo é exercido o poder em nome da soberania nacional—o legislativo que faz as leis; o executivo que as executa; o judicial que ministra justiça aos cidadãos nas questões que uns teem com os outros ou com o Estado—porém acima do poder soberano da nação ergue-se um outro poder—o moderador—concentrado nas mãos do rei, que subordina todos os outros poderes, manifestações unicas da soberania nacional.

Assim a nação que, por intermedio dos seus representantes, votar uma certa e determinada lei, não conseguirá que ella entre em vigor sem que o chefe de estado, o rei, sancione tal lei, isto é, ao decreto das côrtes adhira incondicionalmente.

O Rei com o direito de *veto*—quer dizer prohibido—pode impedir a promulgação d'uma lei; a sua vontade, portanto, suffocará a vontade da nação.

Da mesma fôrma o rei—como supremo arbitro—pode adiar, encerrar, dissolver a camara dos deputados, ainda mesmo contra a opinião do conselho de Estado, sem d'isso ter de dar contas a ninguem, o que não acontece com os membros d'essa alta corporação que sam responsaveis «pelos conselhos que derem oppostos ás Leis e ao interesse do estado, manifestamente dolosos»—(Carta Constitucional art. III).

Do poder executivo é chefe o Rei, podendo demittir livremente os ministros, que chama seus, de maneira que, mesmo contra a vontade dos cidadãos, pode conservar ou demittir individuos que à nação repugna, ou apraz, ter como seus representantes ou delegados.

Do poder judicial tambem é soberano, visto ter o direito de derogar, em materia criminal, quaesquer sentenças que não são senão decretos d'esse poder, uma das tres manifestações da soberania nacional.

O Rei, portanto, no exercicio do poder moderador é o senhor, é o dono; é a vontade de um que se impõe á vontade de todos, á vontade nacional.

Tampouco é garantida pela monarchia, no exterior, a soberania da nação.

E affirmo-o porque, embora sofismadamente, encapotadamente, não raras vezes admite nos seus negocios internos a ingerencia estrangeira.

Contractos ruinosos com as grandes potencias, nossas aliadas, que põem em perigo a nossa independencia, vão a pouco e pouco encaminhando-nos para a triste situação de não podermos dispôr livremente dos destinos da patria. As colonias exuberantemente attestam o que affirmo, como perigoso, para a soberania nacional, para a independencia de Portugal.

Corresponderá a monarchia ás aspirações geraes da nação?

Ah! não!

Quem a julgar compativel com o pensor da epocha, com as exigencias da civilização actual, faz da monarchia uma ideia superior e imprecisa, em completa desharmonia com a logica dos factos consummados e com o desencadeiar de atropellos, abusos e violencias que hoje sam a principal caracteristica da monarchia portugueza.

As aspirações geraes da nação o desejo vehemente de todos os portuguezes, verdadeiros cidadãos e sinceros patriotas, não as satisfaz, não as realisa a monarchia portugueza.

A nação deseja a felicidade, a liberdade.

As aspirações de todos os portuguezes sam tendentes ao bem estar commum, ao progresso, á prosperidade.

Todos os cidadãos desejam e querem cooperar nos destinos da patria, todos ambicionam intervir com a sua opinião concisa e reflectida na administração dos negocios publicos.

Todos os portuguezes, em summa, perfilham, defendem e aspiram pela realisações do sublime pensamento de Napoleão I—*anos que semos para a criança a escola, para o homem o trabalho, para a patria a paz, para o cidadão a liberdade.*

Que vês tu, porém, oh! povo trabalhador e humilde.

Acaso haverá escolas bastantes para os vossos filhos—homens de

amhã, futuro da patria—e para vós proprios que estaes sequiosos de luz, de instrução, de educação civica mesmo?

Naõ; já vo-lo provei na carta anterior com argumentos irrefutaveis, com a insophismavel logica dos numeros.

Portanto não podeis gosar a verdadeira felicidade, não podeis ser cidadãos livres, conscientes.

Porventura haverá para vós todos sufficiente trabalho, devidamente remunerado, com o fructo do qual possaes sustentar as vossas familias, adquirir energias, robustecer forças exaustas, conseguir permanentes e seguras condições de vida?

Naõ! Porque a monarchia ainda não procurou resolver, com sinceridade, nenhum dos complexos problemas economicos, dos quaes depende o futuro de Portugal, a prosperidade da patria, o bem estar de todos vós.

Por todo o paiz existem grandes hectares de terras incultas, pois ninguem ainda se lembrou de distribuir pelo povo, modesto, obreiro da civilização, essas porções de terreno que incultos nada produzem para o augmento da riqueza publica, nada contribuem para a melhoria de situação das classes pobres e desprotegidas.

Naõ se estimulam grandes emprehendimentos, nem se protegem e fumentam arrojadas iniciativas que tenham por fim resolver o resurgimento da patria e o revivescimento de energias latentes que, em acção, poderiam melhorar as condições economicas de todos os cidadãos.

A miseria é geral, concentrando-se sobretudo na outrora rica e encantadora região do Douro onde de fome campeia infrene estiolando, rachitisando, matando um povo forte, vigoroso e sadio.

Portanto não podeis experimentar o bem estar commum que constitue uma das vossas maiores aspirações; não podeis desejar o progresso, a prosperidade da patria, uma das vossas ligítimas ambições.

Acaso Portugal atravessará uma era de paz, de tranquillidade?

Naõ! E qual será a causa de desassocego, da incerteza do dia de manhã?

A acção dos republicanos, dos revolucionarios?

Ninguem de boa fé pode fazer semelhante affirmacão.

Quem perturba a paz de que tanto careceimos, quem incute no animo de todos os portuguezes o desasocego que perturba, a incerteza que desorienta, sam e teem sido os erros do regimen, os abusos do poder, o dominio de varias clientelas cuja função é cravar as garras aduncas nos cofres do Estado e acutilar, matar o pobre povo que se insurge contra semelhantes saques.

A ruina das nossas finanças, o estado cahotico da fazenda nacional e o perigo imminente d'uma tutela, da intervenção estrangeira, teem perturbado extraordinariamente o socego da patria, a tranquillidade dos cidadãos.

Avisinha-se a perda da nacionalidade. avoluma-se por este facto em todos os peitos a indignação que leva á revolta, o desanimo que conduz á covardia, á humilhação.

Porisso não podeis esperar que a patria á mercê de tam maus filhos, entregue a tam pessimos dirigentes, gose a paz que vivifica, o socego que robustece, a tranquillidade que anima e estimula os grandes emprehendimentos e apressa a marcha evolutiva da ci-

vilização, a sequencia dos grandes acontecimentos tendentes a elevar ao apogeu da gloria um povo trabalhador, uma raça intemerata e energica, uma nação heroica e generosa.

Porventura gosará o cidadão a verdadeira, a util, a necessaria e a legitima liberdade?

Naõ! Exerce-se toda a casta de violencias em nome da liberdade; opprime-se, tyranisa-se em nome do direito.

Em nome da liberdade é perseguida a imprensa; prohibem-se assembleas populares; evitam-se manifestações de sympathia ordeiras e pacificas; n'uma só palavra suffoca-se a alma popular, a voz do povo—verdadeiro soberano, unico senhor.

A liberdade de pensamento manifesta-se pela perseguição á imprensa que a monarchia julga aniquilar com successivas querelas, constantes condemnações. A liberdade de associação garante-a a monarchia com a suppressão e encerramento de collectividades que pretendam intervir na vida activa do Estado, censurando abusos, protestando e evitando a promulgação de medidas nocivas ao paiz e prejudiciaes para o bem estar de todos os cidadãos. A liberdade religiosa manifesta-a o regimen vigente impondo aos cidadãos uma determinada religião e tornando obrigatorio o juramento em todos os actos civis e politicos.

Assim, cidadãos, não sois livres, não podeis gosar os fructos da liberdade que é a força, o movimento, a vida!

Assegurará a monarchia aos cidadãos o respeito do direito, isto é, da justiça nas relações dos homens uns com os outros?

Ninguem pôde responder affirmativamente.

Em nome do direito, já disse, opprime-se, tyranisa-se.

Que é a justiça entre nós? Será acaso uma condição de vida, uma garantia?

Os factos provam o contrario, attestam a oppressão e a tyrannia que, em nome do direito, a monarchia exerce contra todos os cidadãos.

O espirito de justiça manifesta-o o regimen conservando presos ha mais d'um anno no Castello de S. Jorge varios sargentos e um official, pronunciados por occasião dos acontecimentos de 28 de Janeiro do anno passado; enquanto que os seus companheiros da classe civil, dias depois d'esses acontecimentos, foram amnistiadados!

Em nome do direito é absolvido o tenente Lopes que em cinco de Abril do anno findo commandando uma força da guarda municipal contra o povo indefeso mandou dar aos seus soldados algumas descargas que produziram a morte a *quatorze* pessoas e feriram mais de oitenta!

O respeito do direito, a justiça nas relações humanas, mantem-se consolidando e protegendo varias companhias e numerosos monopolios que só exploram o povo, prejudicam o Estado e roubam o contribuinte.

O systema da livre concorrência substituido pelo regimen lucrativo de celebres manigancias, como a dos tabacos!

Pelo que fica dito, portanto, a monarchia não satisfaz ás condições apresentadas, aos requisitos essenciaes pelos quaes podia patentear-se aos olhos de todos os liberaes como a melhor fôrma de governo.

Impõe-se, por isso, o regimen de

mocratico, o systema politico-Republica.

N'esta fórma de governo é garantida a soberania nacional; são satisfeitas as aspirações geraes da nação; e assegurada a justiça nas relações dos homens uns com os outros.

O povo é o verdadeiro soberano, exerce o poder legislativo, legislando, por intermedio dos seus *legítimos representantes*, e melhor ainda em assembléas geraes por meio do voto individual dos cidadãos, na communa onde estes residem—como na Suissa—ou em reuniões magnas de todos elles.

O povo é o verdadeiro soberano, a sua soberania é a fonte unica de todos os direitos e nenhum outro poder supremo existe no regimen democratico que tenha por fonte outra origem; a graça de Deus por exemplo como nas Monarchias absolutas e mesmo nas constituições naes.

As aspirações geraes da nação são amplamente satisfeitas por um conjunto de *liberdades essenciaes*—libertando a consciencia e egualando civil e politicamente todos os cultos—; *politicas*—com o suffragio universal, liberdade de associação e reunião—; *civis*—com a extincção das ultimas fórmas senhoriaes da propriedade, fóros, laudémios, luctuosas.

O respeito do direito, isto é, da justiça nas relações dos homens uns com os outros assegura-o a Republica com tribunaes arbitraes de classe, para conflictos entre operarios e patrões, bolsas de trabalho, enfim assegurando os interesses individuaes de maneira a todos os homens serem tratados com justiça e não opprimidos, escravizados por outros elementos poderosos da mesma nação.

A Republica—Oh! povo, meu caro irmão—é a nação, o governo de todos, a liberdade, a igualdade, a fraternidade, um systema politico em harmonia com as aspirações geraes de todos nós, com o pensar da epocha, com a civilização actual. Republica é o progresso, a paz, a feicidade, a prosperidade, a patria enfim.

Porém, elogiando-vos tão encomiasticamente o regimen republicano e democratico, não posso comtudo affirmar que a Republica é a suprema perfeição.

Não! A Republica é o conveniente, o necessario, o bastante para não ser travada a marcha evolutiva da civilização e para não ser atrazado o andar vertiginoso do progresso.

Impõe-se como um passo a mais; o vosso dever, portanto, o dever de nós todos é caminhar, procurar attingir, por esforço proprio, a suprema feicidade.

Precisamos de ser livres e a liberdade, na luminosa phrase de Emilio Castelar, não se pede: conquista-se com uma espada.

Avante, cidadãos, é o grito que na hora presente solta em prol de tam santa causa

o vosso humilde camarada

Antonino.

## Parada Agricola

Devéras entusiasta e até commovedor este bello cortejo civico realizado por occasião das festas das Cruzes!

O nosso lavrador em éstos de alegria alli se incorporava, sorridente, com os utensilios

e ferramentas do seu pesado trabalho, ou mostrava em carros o fructo, a producção do seu labor, mostrando, como com o linho, as canceiras e fadigas que passa para d'elle fazer o panno.

Surprehendente! Admiravel!

Feliz, muito feliz foi a commissão das festas com este numero, que deve repetir-se.

Se em vez de procissões com anjinhos e incensos, com sedas, e sophismas de espaventoso effeito e nenhum proveito, se cuidasse em festas civicas, tão simples e encantadoras como esta, de incitar instruir e educar o lavrador para da terra tirar mais, com menos trabalho, não se iria accentuando a decadencia e a miseria que nos vae avassalando.

A Parada Agricola e a Festa da Arvore ha tempos realisada foram o que de mais util e significativo em festas se tem feito em Barcellos.

Muito bem!

## DE PATAS NO AR

O Jesuitismo no Funchal, segundo temos lido, anda desenfreado.

O governador civil mandou chamar ao seu gabinete o director do nosso collega «Trabalho e União» agredindo-o a sóco e invectivando-o em  *fina*  linguagem. Tinha a guardar-lhe as costas o secretario geral, o administrador, o commissario de policia e... um padre. Isto basta! Indigna e entristece ao mesmo tempo!

Se as fúrias do agressor excitassem os nervos do agredido não poderia haver a fatalidade, ou talvez o beneficio, de um jesuita a menos?

Teremos outra vez o santo officio?

Contra o brutal e reaccionario procedimento da autoridade do Funchal, o nosso protesto.

## A EXPULSÃO

Por ler o Despertar—crime horrendo! Calamitosa heresia!—foi expulso do Grupo 29 de abril, do Circulo Catholico, um dos seus membros! Muito bem. E' dar-lhes assim.

Que seria do Circulo se começasse a entrar dentro das quatro incensadas paredes do seu edificio a luz da verdade?

Pois não sabias tu, criminoso expulso que as trevas são a base d'essa casa?!

Ler o «Despertar» no Circulo, representa um insulto e produz effeito igual, ao que sentimos se luz intensa nos fere a vista, quando habitua-dos a estar ás escuras!

Ler o «Despertar» no Circulo!...

Que mau espirito te guiou? Onde irá parar a tua alma sacriligeo atheu?!

Arrepende-te se não queres que a excumunhão sobre ti caia e a ira divina te fulmine pelas palavras do apostolo do Senhor, que em tão nefando acto te surprehendeu!

Piedoso ministro; nós te louvamos e exhortamos no nosso justiceiro jornal incitando-te a proseguir n'esse caminho, que se não é o que Christo traçou, é apesar d'isso o unico por onde poderás seguir, por ser o melhor para o teu caminhar retrogado e o que mais depressa te conduz ao seio da *bem aventurada*  e negra mansão jesuitica.

Odeia-nos e lança-nos a tua excumunhão.

Enéas

## Predica Bernarda

(De Filinto Elycio.)

Caro frade, arrestando Sapiencia,  
No pulpito, a altos brados declamava  
Contra os Pais, contra as Mães sem consciencia,  
Que ensinam mal os filhos; e provava  
Com Santa Monica o seu arrazoamento.  
«Santo Agostinho foi grão libertino:  
«Mas tanto fez a Mãe, com seu ensino,  
«Que deu fim ao seu mau procedimento:  
«Fiz d'ele um Santarrão, que m'l Santinhos  
«Deu a Deus.—Daa-me Monicas e Monicas,  
«Dar-vos-hai Agostinhos, e Agostinhos.»

## ARCHIVO

### Anjos da Terra

Da *Bibliotheca do Povo*, de Lisboa—rua de S. Filipe Nery, 40—recebemos, o que muito agradecemos, as cadernetas n.ºs 1 a 17, deste romance de Perez Escrich.

Uma vez concluido, faremos a nossa apreciação.

### Voz do Caixeiro

Recebemos o primeiro numero d'esta folha quinzenal que acaba de vir á luz da publicidade em Eyo-

ra, que tem por divisa a defeza de classe dos empregados no commercio e de proletariado em geral.

Cumprimentamos o illustre collega, que se apresenta muito bem redigido.

Dignaram-se permutar com o *Despertar!* mais os seguintes collegas:

*El Trabajo, Cambate, Desfarço, Jornal de Passos de Ferreira, Noticias de Alcobaca, Voz de Portugal, Dissidente, Correio do Algarve, Correio do Ave, Patria e Debate.*

## BIBLIOTHECA HUMORISTICA

A rir... A rir...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

(Ferreira Manso V. LHACO)

Publicação quinzenal

50 RS.—32 PAGINAS—50 RS.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodica, de character permanente, com o qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, os ouvidos do publico enfatiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica» fundada pela *Livraria Central* de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeracao seguida, constituindo, ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, são prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as *Gargalhadas Satiricas* com as quaes V. Lhaco, costigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, enfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas: *A Moral* e a *Litteratura*; depois as *Dijeccões Theatras*, etc., etc.

A RIR... A RIR... como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A' venda em todas as livrarias,

Para todas as pessoas receberem regularmente esta publicação é bastante enviarem adeantadamente, em vale ou em estampilhas do correio, a quantia de 500 réis correspondente a cada serie de 10 numeros, á LIVRARIA CENTRAL, de Gomes de Carvalho, editor.

158—Rua da Prata—160—Lisboa  
Não se mandam remessas e cobranças